

Teatro

15, 16, 17, 18 Julho 2010

Um Precipício no Mar

De Simon Stephens

Um espectáculo dos Artistas Unidos
Integrado no Festival de Almada

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Autor Simon Stephens **Título original** *Sea Wall* (2008) **Tradução** Hélia Correia
Com João Meireles **Cenografia e figurinos** Rita Lopes Alves **Luz** Pedro Domingos
Encenação Jorge Silva Melo **Co-produção** Artistas Unidos/Culturgest/Festival de Almada
Os Artistas Unidos são uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura/
Direcção-Geral das Artes

Qui 15, Sex 16, Sáb 17, Dom 18 de Julho
19h30 e 21h30 (dia 15) · 19h30 e 23h00 (dias 16 e 17) · 16h00 e 18h30 (dia 18)
Palco do Pequeno Auditório · Duração: 30 min · M12

E no final, o que fazemos nós?

Há uns anos (nem muitos, 15? 20?) *Um Precipício no Mar* não seria uma peça de teatro, nem pensar. Seria um conto, daqueles a que unanimemente chamam agora *short story*, porque já ninguém sabe o que foi o *récit*. Tem tudo o que para o conto inventou Maupassant: personagens, situações, o momento decisivo em que o destino muda e a surpreendente “chave”, a conclusão. E é contado na primeira pessoa, como em tanta da melhor narrativa anglo-saxónica, aquela primeira pessoa distanciada (pelo tempo, mas também pelo carácter), um eu-ele como só os britânicos, desde a Mansfield, conseguem. E podíamos falar de tanta gente para emparelhar este conto, Alice Munro, por exemplo. Ou Carver. Até às vezes pensei em Ana Teresa Pereira. E, mal o li, pensei em pedir a tradução a Hélia Correia, romancista, ficcionista que os britânicos abandonaram ali entre Mafra e a Ericeira.

Mas não sei de nenhuma outra peça de teatro assim.

Por isso mesmo, mal a li (o ano passado) a quis montar (fiel à divisa do editor Robert Voisin: “só quero editar os livros que mais ninguém quer”), para estar numa coisa que nunca vi, nem sabia que existia, um *conto ao vivo*. Um conto pensado como peça de teatro. Porque Simon Stephens, persistente escritor que há anos tenta “uma certa escrita de teatro” (mas hesita entre várias hipóteses, ainda – saudavelmente – não fixou a voz, nem congelou a maneira), escreveu este falso-conto

(este mais-do-que-um-conto) para ser representado. Ao nosso lado, sem luz, sem cenário, ao nosso lado mesmo, aqui ao pé, por um actor igualzinho a nós.

Que procura a maneira de contar uma história dolorosa, que a esconde, a atrasa, a mascara, a quebra.

É a partir da dificuldade de contar – ou da possibilidade de desviar, de encobrir a dor – que Stephens consegue criar esta obra breve que será a mais original do seu teatro que já faz dois grossos volumes da colecção da Methuen e mais uns quantos textos soltos (que engraçado, ainda em 2001, vimos *Herons*, peça ainda juvenil na sala Upstairs do Royal Court – e agora está a ser representado em todo o mundo...).

Porque o teatro agora, em 2010, depois de tantas rupturas, sacralizações, dessacralizações, radicalizações, tanto *site specific*, dança e transformações – pode agora ser só isso: uma dificuldade em contar a dor, um actor ao nosso lado.

E como é que vamos despedir-nos dele?

Abandonamo-lo? Sozinho?

Jorge Silva Melo
Julho de 2010

Ir de volta

Recorri à estratégia da guerrilha para tentar que o texto se rendesse. Isto é, que se deixasse traduzir. Pois já se sabe que enfrentá-los cara a cara – aos textos que nasceram noutra língua – apenas serve para os irritar. É um trabalho contra a Natureza, com o seu quê de colonização. Porque pomos o pé em terra alheia, com a nossa sintaxe e o nosso léxico, com a nossa fé que torna tudo opaco. O texto original que faz? Defende-se. Não confia nas boas intenções. Tem séculos de história atrás de si. Não é somente aquilo que dá a ver. Conhece bem a linguagem de que é feito, conhece-a mais intimamente que o autor. Do tradutor, provavelmente, ri-se.

Este monólogo de Simon Stephens tem muitas qualidades de selvagem. Não vem comer à nossa mão estendida.

O seu sistema nervoso está sempre sob tensão. A sua bonomia serve apenas para induzir em erro, para levar a que nos aproximemos para de repente nos saltar à nuca. A sua maior arma é o silêncio, o terrível não-dito, mais sonoro do que todo o clamor de que os latinos se revelam capazes. Sob a sua aparência coloquial, ele cala, e não cala, um precioso tratado do pensamento e do horror humano.

Para que ele entrasse na traição da minha língua, eu tratei de ir de volta, de captar, antes da forma inteira, os sons e os cheiros, de interpretar, talvez erradamente, tudo o que pode haver de musical como abertura para o inteligível. De apresentar, digamos, ao intérprete, o pesadelo da simplicidade. Porque a grande tarefa é para os do palco, os que lidam com a carne que tem voz.

Hélia Correia



© Jorge Gonçalves

Simon Stephens

Nasceu em 1971 no Reino Unido e estudou na Universidade de York. É hoje em dia uma voz cada vez mais significante no teatro inglês. As suas peças são muitas vezes explorações sobre a condição humana da vida familiar. Embora a sua escrita possa ser brutal, encerra um optimismo e uma autenticidade que o destacam dos autores da geração *In-yer-face*. Até 2005, Simon Stephens trabalhou no departamento literário do Royal Court Theatre. A sua peça *Pornography* foi aclamada na estreia em 2008 no Festival de Edimburgo. Das suas peças destacam-se *Bluebird* (1998), *On the Shore of the Wide World* (2005), *Motortown* (2006), *Harper Regan* (2007) ou *Punk Rock* (2009).

Hélia Correia

Nasceu em Lisboa em 1949. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Românicas na Faculdade de Letras de Lisboa. O seu primeiro romance, *O Separar das Águas*, foi publicado em 1981. Seguiram-se, entre outros, *O Número dos Vivos* (1982), *Montedemo* (1983, adaptado ao teatro pelo Bando), *Soma* (1987), *A Casa Eterna* (1991, Prémio Máxima da Literatura), *Insânia* (1996), *Lillias Fraser* (2001, Prémio D. Dinis e Prémio Pen Clube), *Fascinação* (2004), *Bastardia* (2005, Prémio Máxima da Literatura) e *Adoeecer* (2010). Escreveu ainda poesia e literatura infantil, bem como versões de Shakespeare para jovens. Para teatro escreveu *O Rancor*, *Exercício sobre Helena* (2000), *Perdição*, *Exercício*

sobre *Antígona* (2006), *Florbela* (2006), *Desmesura*, *Exercício com Medeia* (2006) e *O Segredo de Chantel* para os PANOS 2006 da Culturgest.

Jorge Silva Melo

Estudou na Faculdade de Letras de Lisboa e na London Film School. Fundou e dirigiu, com Luis Miguel Cintra, o Teatro da Cornucópia (1973-79). Bolseiro da Fundação Gulbenkian, estagiou em Berlim junto de Peter Stein e em Milão junto de Giorgio Strehler. É autor do libreto de *Le Château des Carpathes* (baseado em Júlio Verne) de Philippe Hersant, das peças *Seis Rapazes*, *Três Raparigas*; *António, um Rapaz de Lisboa*; *O Fim ou Tende Misericórdia de Nós*; *Prometeu*; *Num País Onde Não Querem Defender os Meus Direitos*, *Eu Não Quero Viver* (baseado em Kleist); *Não Sei* (em colaboração com Miguel Borges); *O Navio dos Negros* e *Fala da Criada dos Noailles...* Compilou textos dispersos no volume *Século Passado* (Cotovia, 2006). Fundou em 1995 os Artistas Unidos, de que é director artístico. Realizou as longas-metragens *Passagem ou a Meio Caminho*; *Ninguém Duas Vezes*; *Agosto*; *Coitado do Jorge*; *António, um Rapaz de Lisboa*; a curta-metragem *A Felicidade* e os documentários *António Palolo*; *Joaquim Bravo, Évora, 1935, etc, etc*, *Felicidades*; *Conversas em Leça em Casa de Álvaro Lapa*; *Conversas com Glicínia*; *Nikias Skapinakis – o Teatro dos Outros*; *Álvaro Lapa. A Literatura*; *Gravura: Esta Mútua Aprendizagem*; *Bartolomeu Cid dos Santos: por Terras Devastadas*; *António Sena: a Mão Esquiva*; *Ángelo de Sousa: Tudo o Que Sou Capaz*. Traduziu

obras de Carlo Goldoni, Pirandello, Oscar Wilde, Bertolt Brecht, Georg Büchner, Lovecraft, Michelangelo Antonioni, Pier Paolo Pasolini, Heiner Müller e Harold Pinter.

João Meireles

Trabalhou com Luís Varela, Fernando Mora Ramos, Manuel Borralho, Ávila Costa, Adolfo Gutkin, Aldona Skiba-Lickel, Marina Albuquerque, Carlo Damasco, José António Pires, Camélia Michel e o Pogo Teatro. Colabora com os AU desde a fundação, tendo funcionado como director técnico, assistente de encenação, actor e encenador em mais de quarenta produções. É sócio dos AU desde 2003. Nos Artistas Unidos: *António, um Rapaz de Lisboa* e *O Fim ou Tende Misericórdia de Nós* de Jorge Silva Melo, *A Queda do Egoísta Johann Fatzer* de Brecht, *No Papel da Vítima* dos Irmãos Presniakov, *Conferência de Imprensa* e *Outras Aldrabcices* de Pinter e outros autores, *Os Animais Domésticos* de Letizia Russo, *Esta Noite Improvisa-se* e *Seis Personagens à Procura de Autor* de Pirandello, *O Peso das Razões* de Nuno Júdice, *Rei Édipo* a partir de Sófocles e *Comemoração* de Pinter.

Rita Lopes Alves

Trabalhou no guarda-roupa de vários filmes de Jorge Silva Melo, Pedro Costa, Joaquim Sapinho, João Botelho, Margarida Gil, Luís Filipe Costa e Cunha Teles. No teatro tem trabalhado com Jorge Silva Melo como cenógrafa e figurinista desde 1994.

Pedro Domingos

Esteve quatro temporadas no Teatro da Malaposta. Trabalha com Jorge Silva Melo desde 1994, tendo assinado a luz de todos os espectáculos dos Artistas Unidos. Trabalhou regularmente com a Re.AI e com o Teatro Bábá. Assinou igualmente a luz de *Hotel Orpheu* de Gabriel Gbadamosi (um projecto de Miguel Hurst e Manuel Wiborg), *A Noite É Mãe do Dia* de Lars Norén (enc. Solveig Nordlund), *Equimoses - Nódoas na Cidade* de Rui Guilherme Lopes e Pedro Carraca, *Universos e Frigoríficos* de Jacinto Lucas Pires (APA), *Amok* de Jacinto Lucas Pires (enc. Luís Gaspar), *De Que Falamos Quando Falamos de Amor* de Raymond Carver (enc. Cristina Carvalhal), *Por Favor Deixe Mensagem* (enc. João Lagarto) e vários espectáculos de Diogo Dória. É membro fundador da Ilusom, uma das sociedades instaladas no edifício d'A Capital. Participou desde o início no projecto Artistas Unidos n'A Capital. Actualmente é um dos elementos do Teatro da Terra que dirige com Maria João Luiz.

Próximo espectáculo

Fala da criada dos Noailles

que no fim de contas vamos descobrir chamar-se também Séverine numa noite do Inverno de 1975 em Hyères
Uma paródia inconsequente de Jorge Silva Melo. Um espectáculo dos Artistas Unidos
Integrado no Festival de Almada

Teatro Sex 16, Sáb 17, Dom 18 Julho
Grande Auditório · 21h30 (dias 16 e 17)
17h00 (dia 18) · Duração: 1h00 · M12

De Jorge Silva Melo **Com** Elsa Galvão, Vânia Rodrigues, Pedro Lamas, Pedro Mendes, António Simão, David Granada, Diogo Garcia, Estêvão Antunes, Inês Cunha, Jessica Anne, Joana Barros, Joana Sapinho, João de Brito, João Delgado, Marta Borges, Miguel Aguiar, Raquel Leão, Ricardo Batista, Rúdi Fernandes, Sara Moura, Sérgio Conceição, Susana Oliveira e Tiago Nogueira
Cenografia e Figurinos Rita Lopes Alves
Luz Pedro Domingos **Assistente** Pedro Lamas (com o apoio de Andreia Bento)
Encenação Jorge Silva Melo **Co-produção** Artistas Unidos / Culturgest / Festival de Almada

Uma eterna criada evoca as ricas horas dos mecenas, os bailes loucos, a arte livre, o amor livre, o financiamento de *L'Âge d'Or* de Luis Buñuel, tudo na altura

© Jorge Gonçalves



em que se anuncia a vinda do realizador espanhol ao palacete de Hyères onde ainda vive o Conde de Noailles, mecenas que foi dos surrealistas: estamos a meio dos anos 70 e os anos loucos já se foram, com as jóias da família. Muito livremente inspirado em *O Meu Último Suspiro* de Buñuel - e nas botinas do seu *Diário de Uma Criada de Quarto*, é claro. E Séverine era a *Belle de Jour* do romance de Joseph Kessel de que Buñuel e Oliveira se apropriaram, maliciosos.

Um texto de Jorge Silva Melo para a actriz Elsa Galvão que foi lido na Fundação Gulbenkian, editado pelos Livros Cotovia e é agora representado.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Inês Loução estagiária

Marta Ribeiro estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Sofia Magalhães

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

António Rocha estagiário

Soraia da Silva estagiária

Susana Sá estagiária

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
